



REFLEXÕES DA TEORIA *QUEER* NA EDUCAÇÃO: SUBVERSÃO À OBSCURIDADE

Alex Pereira Ribeiro ¹
Emanuel Máximo de Menezes ²

RESUMO

A teoria queer, fundamentada em estudos e questionamento teóricos, a partir da década de 1980, trouxe para o contexto social, a ideia de confronto ao que foi imposto como normativo e aceito pela sociedade. A educação, em seus diversos aspectos, também passou a ser analisada sob o contexto queer, trazendo um olhar subversivo aos tradicionais modelos pedagógicos de ensino, aprendizagem e convívio social. Este artigo tem por objetivo geral trazer reflexões acerca da teoria queer na educação, evidenciando, através de levantamento bibliográfico, a sua natureza questionadora e desconstrutiva. Como resultados, obteve-se que a teoria *queer* traz à luz da discussão, a necessidade de se construir currículos, práticas pedagógicas, e debates que incluam e respeitem a diversidade nos espaços escolares, superando as enraizadas concepções sociais e excludentes impostas pelos modelos normativos.

Palavras-chave: Teoria queer, educação, pedagogia.

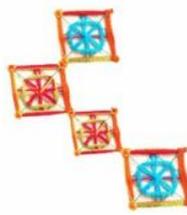
INTRODUÇÃO

O termo *queer* surgiu, em um primeiro momento para classificar e desqualificar, de forma pejorativa, frequentadores da “*Queer street*”, famosa avenida inglesa conhecida como ponto de encontro de indivíduos não comumente aceitos pela sociedade da época, como: homossexuais, transexuais, travestis, prostitutas, devedores etc. Este termo, sem tradução clara na língua portuguesa, assemelha-se, por seu tom marginalizador, ao termo “bicha” ou “viado”.

Muitos teóricos e intelectuais passaram a utilizar o termo na contramão da ideia ora trazida, e, principalmente, após a teoria pós-estruturalista francesa, o termo “*queer*”, como forma de resistência, fora introduzido como um movimento, um pensamento, uma questão cultural, social e até teórica de pensar, questionar, analisar, desconstruir, refletir,

¹ Pós Graduado em Docência no Ensino Superior da Universidade Internacional - UNINTER, admribeiroalex@gmail.com ;

² Graduando pelo Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Cariri - UFCA, emanuelmaximo19@hotmail.com;



estudar e debater um modelo oposicionista ao que é imposto como normal, como socialmente aceito.

A década de 1980 e 1990 foi marcante para os apoiadores e pensadores *queer*, a epidemia de AIDS, e a associação da epidemia aos homossexuais, fez retroceder a ideia já superada de convergir a homossexualidade, ou o que foi chamado de homossexualismo, à doenças antes psíquicas e , a partir da epidemia, às doenças relacionadas ao sexo.

Atualmente, percebe-se que as chamadas “minorias” estão mais visíveis, presentes, e a sua representatividade passa a ser debatida de forma mais ampla. Esta inserção dessas “minorias” percorre dois caminhos antagônicos perante a sociedade: um que oprime, massacra, ignora e outro que aceita, abriga e acolhe.

A lógica binária positivada pela sociedade e até mesmo a polarização do heterossexual e homossexual é questionada pela teoria *queer*. A sua característica analítica, filosófica, questionadora e diversa, reflete em inúmeros setores, classes, comunidades e outros ativos da sociedade. Obviamente, a educação também é debatida por essa teoria, e um pensar pedagógico mais inclusivo, mais crítico e mais diverso começa a ser trazido à luz pelos teóricos e adeptos do modo “*queer*” de ver os caminhos da educação.

Neste sentido, por sua relevância social, acadêmica, profissional, filosófica, sociológica e, principalmente, reflexiva, este artigo é elaborado com o objetivo geral de debater a teoria *queer* sob a ótica da educação, principalmente no tocante ao modo como essa teoria trouxe um olhar subversor perante a obscuridade reguladora, normativa e não diversa da área.

METODOLOGIA

O enfoque metodológico deste artigo parte da busca pelo pensamento crítico e teórico de conceituados autores, que contribuíram ou contribuem para o pensamento e cultura “*queer*”, como Judith Butler, Sara Salih, Silva, Junqueira, Guacira Lopes Louro, entre outros. Bem como de artigos científicos desenvolvidos a partir da análise dos conceitos elaborados e disseminados por esses autores, buscados nas plataformas digitais *scielo* e *google acadêmico*.



Para isso utilizou-se de levantamento bibliográfico, o que para Cunha (2001) traduz o sentimento de potencializar intelectualmente com o conhecimento coletivo para se ir além. Ainda para o autor, é como munir-se de conhecimento e saberes. Por sua característica social, adotou-se o método qualitativo de pesquisa, o que segundo Minayo (2013) é o mais adequado quando trata-se de pesquisas que se ocupam do nível subjetivo e relacional da realidade social, sendo retratados por meio da história, universo, crenças, valores e atitudes, os atos sociais. Ainda para Minayo (2013) o que a pesquisa qualitativa busca, de forma mais profunda, é compreender e interpretar, de forma mais fiel possível, a lógica interna dos sujeitos que estuda.

REFERENCIAL TEÓRICO

Os indivíduos vistos como fora do padrão imposto pelas sociedades sempre estiveram marginalizados, escondidos, enrustidos, oprimidos por conta de suas características tidas como anormais. Muitas vezes, as suas características, individualidades e opiniões foram tidas como doenças mentais e até criminalizadas em diversos países, o que, de fato, ainda ocorre em algumas civilizações.

Contrários a essas ideias normativas impostas pelas sociedades, diversos grupos começaram a lutar por igualdade. Estas lutas passaram por momentos delicados, como o estigma da AIDS, como a violência sexual e de gênero ou como o preconceito sofrido por muitos. A partir dos anos 1980 teóricos e resistentes à opressão começam a estudar e a refletir sobre a imposição normativa. Desses estudos e ideias, resulta-se o que hoje denomina-se: teoria *queer*.

Para Salih (2012) a expressão do termo *queer* é proposto justamente como forma de resistência ao peso que a palavra tinha à época. *Queer* era usado para diminuir de forma humilhante os indivíduos não heterossexuais. Reverter essa palavra para algo que remeta à resistência e à luta de sobrevivência foi, para muitos, uma forma de mostrar a força de ideias teóricas e questionadoras que irião ser lavadas ao debate.

Deve-se levar em consideração que a teoria *queer* é muito abrangente e diversificada, e vai, por exemplo, desde o estudo da desconstrução de gênero adotado por Judith Butler ao pensamento adotado pela professora Guacira Lopes Louro que traz



a ideia de que o pensamento *queer* é uma forma de pensar que desafia as normas regulatórias da sociedade.

Butler (2003) em sua obra *Problemas de Gênero*, recusa-se a aceitar a definição, a estabilidade e a existência do sujeito (feminino, masculino, gay, lésbico, heterossexual, homossexual). A autora defende a desconstrução das categorias ora utilizadas, posicionando-se a favor da indeterminação de todas as identidades sexuais e generificadas.

A autora defende ainda em seu pensamento *queer* a ideia de que o sujeito está sempre em processo, assim, a identidade de gênero é conceituada como uma sequência de atos que não são pré-existentes. Percebe-se, portanto, que mesmo mais voltada para a questão de gênero, a autora retrata sempre a desconstrução, a não oficialização de termos, o caráter mutante da sociedade.

Já Silva (1999) traduz sua ideia *queer* como a necessidade de novas formas de pensar a cultura, o conhecimento, a educação, o poder. Silva (1999) defende o pensar *queer* como o ato de questionar, problematizar, contestar, todas as formas bem comportadas de conhecimento e de identidade.

Na visão de Louro (2008) a teoria *queer* põe em questão as classificações e os enquadramentos. Ela é capaz de provocar e perturbar as formas convencionais de pensar e conhecer. Louro (2008) traz a teoria *queer* ao debate da educação. A autora defende que as escolas e os educadores se tornam cada vez mais desafiados às novas questões impostas pelo pensamento *queer*, visto que até então as respostas eram seguras e estáveis. Com a inserção do pensamento *queer*, as certezas escapam e as fórmulas comumente utilizadas pela educação mostram-se inúteis e inoperantes. Nesta visão de Louro, traz-se à discussão a ideia da contribuição *queer* para o novo pensar pedagógico.

Na história de formação social brasileira, principalmente durante o período da colonização, tem-se a ascensão do modelo patriarcal, herança cultural portuguesa, caracterizado por ter-se como figura central o patriarca, ou seja, o pai. Este modelo tradicional de família perdura-se ao longo dos anos, e, mesmo com as novas configurações familiares, ainda é o modelo visto como padrão ou tradicional.

Este aspecto normatizador e tradicional da família patriarcal refletiu nos modelos educacionais, que passaram a reproduzir e a construir currículos e processos de ensino e aprendizagem heterossexistas, racistas e excludentes. Para Souza et al (2017) é evidente



que as discussões pedagógicas sobre educação, escola e currículo são direcionadas para a manutenção dos saberes dominantes.

Junqueira (2013) defende que a escola brasileira se estruturou, ao longo dos anos, como um modelo curricular e de convívio social pautado em valores fortemente ligados às normas e crenças que reduz o valor do “outro”. Este outro, ainda para o autor, diz respeito àqueles que se desviassem do ser adulto, masculino, branco, heterossexual, burgês e físico-emocionalmente normal. Esta redução do “outro”, ou o que o autor Junqueira (2013) determina como o “estranho”, segundo a ótica escolar, fez-se com que o preconceito fosse sentido fortemente no âmbito escolar, tanto pela falta de espaço para essas “minorias”, quanto para as práticas pedagógicas e curriculares.

Vivencia-se, ainda segundo os autores, uma realidade pedagógica muito focada em metas, técnicas e objetivos referentes aos processos de ensino e aprendizagem mais tradicionais, como: metodologias, avaliação, desenvolvimento de habilidades e competência - o que é muito válido e necessário para a construção do saber – entretanto, percebe-se que não se tem promovido muitas mudanças nas estruturas dos padrões hegemônicos, isto é, o espaço escolar ainda é carente de debates e discussões que levem à transformação política e social, oriunda das teorias críticas e pós-críticas.

Movimentos sociais negros, feministas, LGBTQIA+, de educação inclusiva, de pessoas com deficiência física e mental, sempre estiveram à margem da sociedade, e , conseqüentemente das escolas, o que Louro (2008) tratou de chamar de “estar na fronteira”. Sob a perspectiva de Miskolci (2012), é necessário que se debata questões e que se faça reflexões sobre o que foi positivado ou “estabelecido”, no sentido de imposto, no que diz respeito à escola e ao currículo escolar.

A escola, para Louro (2008), deve ser repensada e o currículo desenvolvido a partir também das perspectivas das minorias, que carrega consigo diversidade de classe, gênero, sexualidade, idade, nacionalidade e etnia. “ Não há como ignorar as novas práticas e os novos sujeitos, suas contestações ao estabelecido. A vocalização normalizadora da educação vê-se ameaçada” (LOURO, 2008, p 28).

Para Silva (2007), a teoria *queer* questiona as relações desiguais dentro da escola, criticando modelos sociais discriminatórios e cobrando por mais espaço para reflexões e análises, trazendo para o centro das discussões aspectos como diversidade, orientação sexual, gênero, raça, etnia etc. Silva (2007) disserta ainda que além de trazer à tona as



discussões, é necessário relatar as lutas por políticas de busca de transformação social. Silva (2007) traz o repensar curricular, nesta perspectiva, ele aborda que um currículo que é inspirado na teoria *queer* não se limita a questionar o que é socialmente imposto, mas também é responsável por repensar aquilo que ainda não foi construído.

A escola em si ainda se vale de muita resistência, principalmente pelo fato de, durante muito tempo, ser considerada um reduto de ordem e disciplina. Em razão disto, a escola, para Souza et al (2007), nunca recebeu muito bem pretos, pobres, favelados, pessoas com deficiência, gays, lésbicas, entre outros tantos sujeitos que a sociedade marginalizou.

O fato é que a escola sempre persistiu em deixar à margem dos seus currículos e espaço de debate aqueles que não se enquadram nos padrões positivados pela sociedade conservadora normatizadora. Louro (2008) passa a pensar no que enquadrado como pedagogia *queer*, o que pode ser retratado como uma pedagogia que incite a discussão, o debate, as transformações da sociedade e da educação, muito além de unicamente as questões que envolvem a sexualidade.

Ainda para Louro (2008), a teoria *queer* permite um pensamento mais crítico, mais ambíguo, múltiplo, que retrata muito as identidades de gênero e sexuais, mas vai além, ao sugerir novos debates envolvendo cultura, conhecimento, poder, política e educação. A autora em questão defende ainda que há uma emersão das minorias, elas deixam a “fronteira” e a “marginalidade” perante a sociedade e passam a integrar os debates, a formação curricular, o novo pensar pedagógico, metodológico e crítico.

É necessário, segundo Silva (2007) que se dê abertura para o debate democrático e questionador. O espaço escolar e pedagógico deve estar aberto e atento ao diálogo com as diversidades, criando uma riqueza crítica que rompe a fronteira da escola e chega à sociedade. Souza et al (2017) toca num ponto muito importante ao tratar da discussão na formação de professores e professoras, estes, conscientemente ou inconscientemente, ainda tendem a privilegiar a heteronormatividade, pois trazem consigo, as crenças e valores que foram positivados pelo que é considerado padrão.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após levantamento bibliográfico acerca do tema analisado, principalmente com base nos principais teóricos da área e artigos científicos desenvolvidos com base nas ideias trazidas por estes teóricos, apresenta-se diversos resultados obtidos acerca da análise das reflexões da teoria *queer* na educação.

Quando se fala em obscuridade na educação e da necessidade de uma subversão, fala-se da percepção que a escola brasileira se caracteriza por um histórico de desigualdade e exclusão de sujeitos que não são aceitos por estarem fora do que foi imposto como “padrão”. A partir da teoria *queer* chega-se à conclusão que o pensar pedagógico deve ser modificado e construído sob suas diversas óticas. Não dá para pensar em um currículo pedagógico que exclua, que seja desigual. É necessário pensar em um currículo que abranja e absorva todos os indivíduos de uma sociedade, principalmente ao falar-se de educação.

E quando se fala em teoria *queer*, no que diz respeito à educação, não se fala apenas da sua proposta curricular, ou dos seus questionamentos linguísticos e gramaticais ligados à binaridade, por exemplo, mas se fala também, e , mais significativamente, sobre o aspecto inquieto e questionador da teoria. A sua característica reflexiva, questionadora, inclusiva, faz nascer nos indivíduos um poder crítico e filosófico que contribui para uma educação e sociedade mais igualitária. Por esta razão que se fala em teoria *queer* como uma “cultura” ou como um “pensamento” de subversão em meio à obscuridade, justamente porque esta teoria indaga, questiona, busca trazer os indivíduos, em suas mais diversas características e opiniões, para o centro da discussão.

No tocante à ideia de que a teoria *queer* traz uma luz subversiva à tradicionalidade normativa conservadora na educação, seja em sua formação curricular, seja na emergência do debate inclusivo, há a conclusão, conforme defende Silva (2007), que a partir da teoria *queer*, a pedagogia e o currículo devem ser capazes de oferecer aos estudantes espaço para que desenvolvam sua capacidade crítica e analítica sob a ótica da diversidade, interrogando as formas dominantes de identidade.

Esta conclusão traz consigo uma reversão na educação. A partir da teoria *queer*, o pensamento crítico, questionador e analítico abre espaço para o debate, abre espaço para que se construa um currículo e um pensar pedagógico mais diverso, mais pautado no



debate construtivo, em contra partida ao currículo mais limitador e mais heteronormativo que se tem hoje.

Pode-se concluir também que a escola deve estar em sintonia com as transformações sociais. Souza et al (2017) defende que não é mais possível ignorar a diversidade de alunos e alunas que estão inseridos no espaço escolar. O velho currículo não insere essa diversidade em seu fazer pedagógico. A teoria *queer* contribui para a reflexão acerca dessa conclusão ao defender que esse currículo deve ser urgentemente reformulado, reconstruído, a partir do debate, a partir de pilares que reflitam uma sociedade diversa e não uma sociedade que possui grupos dominantes e dominados, mas ser reflexo de uma sociedade crítica, que constrói junto, a partir do olhar dos seus mais diversos indivíduos.

Com base no exposto, pode-se chegar à conclusão de que os teóricos e estudos relativos ao pensamento *queer* apostam na ideia de novas pedagogias que se desliguem de discursos normatizadores em relação ao gênero e à sexualidade. A nova escola, a nova sociedade esbarra na ideia da imposição, da positivação da heteronormatividade e chama para o centro da discussão a multiplicidade de novas identidades sexuais, de gênero, culturais, e que elevem o estudante a um olhar mais criterioso sobre o que é imposto pela sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação sempre esteve ligada à sociedade. Esta é um agente mutante, diverso, abrangente. Viver e conviver em sociedade resulta em uma riqueza cultural e intelectual muito pertinente para a construção dos indivíduos. A partir do momento em que se fala em uma sociedade diversa, se fala em opiniões e visões diversas. O que traz uma riqueza de conceitos e concepções muito estigante.

O que não se deve, é limitar-se às ideias, crenças e valores de apenas alguns grupos. Neste sentido, a sociedade perderia totalmente a sua função. Se não há a diversidade de pensamentos e de indivíduos, não há construção e, sim, imposição. A teoria *queer* nasce justamente para combater esta imposição. A cultura brasileira reflete aspectos dominantes de determinadas classes, gêneros, profissões, poderes, em



detrimento de outros. Isto não é positivo do ponto de vista da construção de uma sociedade.

O pensamento *queer* voltado para educação reflete justamente esta questão da imposição normativa que a escola e o pensar pedagógico impõe. O pensamento pedagógico está muito enraizado nesta sociedade impositiva brasileira, que foi embasada no patriarcalismo e na heteronormatividade branca e masculina. A educação precisa acolher, abranger, desconstruir pensamento retrógrados acerca da diversidade e pôr em pauta uma construção curricular e de espaço que escute e insira todos os pares em seu processo.

Esta ideia questionadora traz ganhos para os acadêmicos, para os profissionais de educação, para os agentes sociais, mas, principalmente, para a construção do indivíduo. Este, a partir da perspectiva do pensamento *queer* abre um olhar mais horizontal, mais analítico acerca da sociedade que se está inserido.

Por fim, espera-se que este artigo contribua para as reflexões acerca do pensamento educacional. É necessário que este evolua e acompanhe as novas formas de viver em sociedade. Os grupos marginalizados e que vivem em “fronteiras”, como classificou perspicazmente Louro, devem sim ser inseridos na sociedade, e não apenas inseridos, mas também ouvidos.

Sugere-se, por fim, que outros estudos busquem analisar também as formas de inserir e de trazer para o centro os diversos indivíduos que compoem a sociedade brasileira, a diversidade cultural, étnica, sexual, de gênero, de raça deve ser explorada, debatida, e, principalmente incluída no mesmo patamar onde está os grupos que são tidos como “normais”.



REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

CUNHA, Murilo Bastos da. **Para saber mais: fontes de informação em ciência e tecnologia**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2001.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Pedagogia do armário: a normatividade em ação**. Revista Retratos da Escola, Brasília, v.7, n.13, p.481-498, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.esforce.org.br>> Acesso em: 22 out. 2020.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**. Belo Horizonte. Autêntica, 2008.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa**. São Paulo: Hucitec, 2013.

MISCKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Cadernos de Diversidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SALIH, S. **Judith Butler e a teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999

SOUZA, Alisson da Silva; RODRIGUES, Isis Monteiro; FIGUEIREDO, Tania Regina Leite Santos. **Educação, teoria queer e as discussões sobre as minorias no espaço escolar**. Teresina: Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica, 2017.